

## Vida sem espírito? Intelectuais e sociedade na “Belle Époque” (3 créditos)

**Prof. Ricardo Benzaquen de Araújo**

**Horário: Terça-feira, das 19 às 22 horas**

**Consultas: A combinar com o professor**

---

A interpretação da modernidade como crise, no final do século dezenove e início do século vinte, implicou uma reconsideração dos papéis que haviam até então sido atribuídos aos intelectuais. Assim, por exemplo, tanto o “filósofo” iluminista, comprometido com o estabelecimento da razão em escala universal, quanto o “poeta” romântico, firmemente dedicado à valorização do seu “torrão natal”, terão a sua contribuição revista e passarão a conviver com outras personagens da “vida do espírito”. É precisamente este o contexto que a disciplina pretende examinar, mobilizando autores como Simmel, Lukács e Thomas Mann em um esforço para entender de que maneira temas como a melancolia, a autenticidade e a estetização irão se combinar para produzir novas vocações e trajetórias intelectuais.

Cabe observar, ainda, que a concepção de crise aqui utilizada não tem um significado apenas negativo, pois a própria desestabilização das tradições que compunham a civilização ocidental, desestabilização habitualmente vinculada ao advento do capitalismo e da democracia, também permite o surgimento de pelo menos duas grandes linhas interpretativas que, tanto em obras de ficção quanto em ensaios e monografias acadêmicas, procuraram escapar ou reagir à reificação que caracterizaria a modernidade.

A primeira dessas linhas importa no cultivo de um ideal de renúncia aos valores então dominantes, renúncia que ora vem associada ao entusiasmo provocado pela noção de aventura, ora acentua de forma quase desmedida um compromisso com a vocação estética – a “Alma” passaria a existir somente na “Forma”-, chegando a negar, como faz o jovem Lukács, qualquer laço com a experiência cotidiana. A segunda, por sua vez, caminha na direção oposta, preocupando-se em conferir dignidade a esta mesma experiência pela valorização de conceitos como os de vanguarda e de sociedade de massa, capazes, como se percebe, por exemplo, pela leitura de parte da obra de Benjamin, de permitir uma reconquista espiritual do mundo moderno. Ambas as alternativas, como se vê, descartam – ou pelo menos não privilegiam- uma adaptação a esse mundo, orientando a sua reflexão no rumo de posições extremamente radicais, posições que, a propósito, serão examinadas com um misto de ironia e ceticismo, ou seja, de maneira distanciada e complexa ao mesmo tempo, por um autor como Thomas Mann.

### **Bibliografia:**

BENJAMIN, Walter. (1996), *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (2004), *Charles Baudelaire. Um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo, Brasiliense.

BERMAN, Russel A. (1989), *Modern Culture and Critical Theory*. Madison, The University of Wisconsin Press.

GOLDMAN, Harvey. (1988), *Max Weber and Thomas Mann*. Berkeley, University of California Press.

\_\_\_\_\_. (1992), *Politics, death, and the devil: self and power in Max Weber and Thomas Mann*. Berkeley, University of California Press.

KRACAUER, Siegfried. (1981), *Le Roman Policier*. Paris, Payot.

\_\_\_\_\_. (2009), *O Ornamento da Massa*. São Paulo, Cosac Naify.

LUKÁCS, Georg. (1974), *L'Ame et les Formes*. Paris, Gallimard. (há tradução para o inglês)

\_\_\_\_\_. (2000), *A Teoria do Romance*. São Paulo, Duas Cidades/Ed. 34.

MANN, Thomas. (1975), *El Artista y La Sociedad*. Madrid, Guadarrama.

\_\_\_\_\_. (1975), *Morte em Veneza/Tonio Kroeger*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_. (1999), *Goethe et Tolstoy*. Paris, Payot. (há tradução para o português)

MARCUS, Judith. (1987), *Georg Lukács e Thomas Mann*. Amherst, The University of Massachusetts Press.

SIMMEL, Georg. (1971), *On Individuality and Social Forms*. Chicago, The University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. (1988), *Sobre la Aventura*. Barcelona, Península.

Obs: A bibliografia poderá sofrer alterações, previamente discutidas com a turma, no decorrer do semestre.